

Joel Silva Ferreira Mata
Universidade Lusíada do Porto

A Arquitectura religiosa, assistencial e militar da Comenda de Ferreira, na primeira metade do século XVI

Resumo

A comenda de Ferreira foi doada à Ordem de Santiago em 1234, um ano depois de ter sido conquistada aos mouros. Tinha castelo mas não possuía igreja paroquial. Esta só viria a ser construída no início do século XVI, pelo comendador João de Sousa. A traça inicial perdeu-se no tempo, mas iremos tentar recuperar a sua estrutura através das visitas de 1510 e de 1534.

Abstract

The insignia of Ferreira was donated to the Order of Santiago in 1234, a year after being conquered from the Moors. It had a castle but it lacked a parish church which would come to be built only at the beginning of the 16th century by João de Sousa. The initial features were lost in time, but we will attempt to recover its structure through the visitations of 1510 and 1534.

A comenda da Ordem de Santiago, denominada de Ferreira do Alentejo, foi sempre conhecida documentalmente, apenas por Ferreira.

A povoação tem uma história, curta é certo, mas, os dados disponíveis apontam para a existência de uma cidade anterior chamada Singa, habitada ou construída pelos romanos¹.

¹ “FERREIRA-DO-ALENTEJO”, in Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Vol. 11, Lisboa, Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia, s/d p. 195.

Com a chegada dos godos foram travados duros combates pela posse da urbe, tendo-se distinguido nesta peleja, a mulher de um ferreiro que terá guardado a porta do castelo, com um ou dois malhos, no ano de 405, lenda recuperada para as armas de Ferreira do Alentejo².

A vila possuía um castelo. Mas aqui, as dúvidas são ainda muito densas. A sua construção é atribuída a D. Gualdim Pais, mestre da Ordem dos Templários³, por volta de 1150⁴, cercado por uma cintura de muralhas com nove torres e barbacã.

A vila de Ferreira ficava num território que, ao tempo da Reconquista era extremamente difícil de manter-se nas mãos dos portugueses. Conquistada em 1233 foi doada aos cavaleiros espatários no ano seguinte, por D. Sancho II, ano em que foi conquistada a vila de Aljustrel⁵ que confina com a vila de Ferreira.

A Ordem de Santiago, seguindo o exemplo de outros institutos religiosos similares passa a administrar o seu património a dois níveis:

1 - A administração sob a jurisdição da Mesa Mestral, constituída por uma série de territórios cujas renda pertenciam *in sólido* ao mestre da milícia⁶;

2 - A jurisdição comendatária. A este respeito muito já foi escrito⁷.

A institucionalização deste tipo de distribuição das rendas surgiu apenas à entrada do segundo quartel do século XIV, no Capítulo Geral da Ordem, que teve lugar no mosteiro de Santos-o-Velho, a 26 de Maio de 1327⁸.

O Mestre D. Pedro Escacho vai definitivamente criar a Mesa mestral da Ordem espatária, à qual ficariam adstritas as rendas seguintes: “*retemos pera a Mesa de nos Mestre e para a dos outros meestres que depos nos forem com outorgamento*”

² LEAL, Pinho Augusto Soares d’Azevedo Barbosa – *Portugal Antigo e Moderno*, Vol. III, Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira, 1874, p. 112; disponível em: <http://www.cm-ferreira-alentejo.pt/Concelho/Dados%20Historicos/historia.htm>.

³ FERREIRA-DO-ALENTEJO”, in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vol. 11, p. 195.

⁴ LEAL, Pinho Augusto Soares d’Azevedo Barbosa – *Ob. cit.*, p. 171.

⁵ SOUSA, António Caetano de, D. – *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, nova versão revista por M. Lopes Almeida. Coimbra, Atlântida-Editora, 1946, p. 99.

⁶ Veja-se a título de exemplo DANVILLA, Manuel – *Origen y naturaleza y extensión de los derechos de la Mesa maestral de La Orden de Calatrava*, in “Boletín de la Real Academia de la Historia”, Vol. 12. Madrid, 1988, pp. 116-163; AYALA MARTÍNEZ, Carlos – “*Las Ordines Militares en el Siglo XIII castellano. La Consolidación de los Maestrazgos*”, in “Anuario de Estudios Medievales”, Vol. 27. Barcelona, C.S.I.C., 1997, pp. 263-266.

⁷ Veja-se, por exemplo PIMENTA, Maria Cristina Gomes – *As Ordens Militares de Avis e de Santiago na Baixa Idade Média. O Governo de D. Jorge*. Palmela, Câmara Municipal de Palmela, 2002, p. 139, *et passim*.

⁸ IAN/TT, OS/CP, cód. 272, fls. 179-182; IAN/TT, OS/CP, cód. 141; MATA, Joel Silva Ferreira – *A Comunidade Feminina da Ordem de Santiago: A Comenda de Santos na Idade Média*. Porto, Faculdade de Letras (pol.), 1991, p. 27; BARBOSA, Isabel Maria Fernandes de Carvalho Lago – *A Ordem de Santiago em Portugal nos Finais da Baixa Idade Média (Normativa e Prática)*, in “*Analecta Ordinum Militarium*”, Porto, Fundação Eng. António de Almeida, 1998, pp. 93-288.

dos dictos comendadores e freires as rendas de Setuval salvo as egrejas e todallas rendas d'Alcacer [...] e as rendas dos foros das casas e dos mouros forros que som pera mantimento do convento. Outrossy reteemos pera nos todallas rendas de Ferreira [...]"⁹, assim como a renda proveniente dos gados.

Ao Mestre, como superior hierárquico, competia-lhe acudir ao convento e aos freires com uma série de despesas. Estas só podiam ser suportadas à custa das rendas provenientes de algumas povoações que pelo texto da reunião magna da Ordem ficaram bem explícitas.

Não obstante, no tempo de D. Jorge, isto é, até ao fim da primeira metade do século XVI, o número de comendas que irá passar para a alçada da Mesa Mestral aumentará de forma significativa¹⁰.

A intervenção directa do Mestre numa grande parte das comendas tem um objectivo claro – reorganizar os territórios, cedendo-os novamente a comendadores interessados em rentabilizar essas unidades geográficas. Entramos, assim, numa nova etapa da vida da Ordem: a visão rentista e tributária¹¹, como forma de fazer face à crescente pressão financeira que se abate sobre a Ordem. A implementação de toda esta dinâmica traduzir-se-á pelo processo das visitas. Importava saber como funcionava o espaço como um todo onde se teciam as malhas sociais, familiares e domésticas¹².

O início do século XVI é um momento de viragem. Na reunião capitular de 1508, D. Jorge e os Treze irão definitivamente tomar o pulso das comendas que, segundo as suas próprias palavras, estavam mal administradas, ocorrendo toda uma série de situações anómalas que resultavam em flagrante prejuízo da Ordem. A história das visitas mais ou menos regulares iria introduzir um novo dinamismo. É com este pretexto e neste contexto que iremos encontrar as visitas de 1510 e de 1534, à comenda de Ferreira, onde centramos o nosso estudo.

A passagem do Mestre acompanhado por D. João de Braga, prior-mor da Ordem e por Francisco Barradas, chanceler particular de D. Jorge e, ao mesmo tempo, da Ordem, ocorre a 15 de Novembro de 1510¹³. Nesta época, a vila contava com 250 vizinhos, ou seja, uma população de 1125 moradores¹⁴, mas,

⁹ IAN/TT, OS/CP, cód. 141, fl. 4.

¹⁰ IAN/TT, OS/CP, cód. 149, fl. 1.

¹¹ Abordamos as preocupações da Ordem nesta perspectiva, apenas para estudarmos o estado de conservação e manutenção dos edifícios, sem entrarmos na parte espiritual, tão cara aos espatários.

¹² VIGUEUR, Jean-Claude – *D'Une ville à l'autre : structures materielles et organization de l'espace dans les villes européennes (XIIIe-XVIe siècle)*. Rome, École Française de Rome, 1989, p. 12.

¹³ IAN/TT, OS/CP, cód. 149, fl. 1.

¹⁴ Para o cálculo populacional utilizamos o coeficiente de 4,5, porque nos parece ser o mais próximo da realidade demográfica desta época.

ao que tudo indica, a igreja matriz foi construída recentemente, pelo próprio comendador João de Sousa “*aa sua custa e despesa*”¹⁵. As motivações para tal empreendimento são essencialmente de duas ordens de razões:

1 - De ordem espiritual; encomendação da alma através de missas;

2 - Dar o exemplo aos outros comendadores que incompreensivelmente deixam as igrejas ao abandono, arrecadando de forma escandalosa as rendas em proveito pessoal, quando estas deviam ser aplicadas no restauro e na conservação da paroquial.

A nossa viagem começará na igreja paroquial, passará pela estrutura de apoio assistencial (o hospital), as ermidas e o castelo.

A estrutura arquitectónica da igreja paroquial de Ferreira do Alentejo é muito simples, mas nem por isso deixa de ter o seu encanto e enquadrar-se, de alguma forma, na época de grandiosidade e fausto vivida em Portugal, no primeiro quartel Quinhentista. As partes estruturais constitutivas deste templo, no interior rural alentejano são idênticas a tantas outras. Contudo, numa visita ao passado e, através do texto paleográfico, façamos um exercício mental que nos permita conhecer um pouco do templo erguido nesta época, na sua estrutura fundamental. Para melhor compreendermos a ergologia global do trabalho vamos estudá-la por partes.

A. Começemos pela igreja de Santa Maria

1. A ousia¹⁶

De acordo com a descrição inserta no caderno da visitação, esta foi construída recorrendo-se aos materiais de construção usuais na localidade: a pedra e a cal, arrematada por uma abóbada extraordinariamente lavrada, constituída por vários arcos nervulares, pintados de jaspe.

O seu pavimento estava ladrilhado a contento do empreendedor da obra e também dos inquiridores que deixaram visíveis encómios ao comendador João de Sousa.

Separava a capela-mor da nave um grande arco (gótico), sustentado por colunas arrematadas por capitéis “*muyto bem lavrados e dourados*”¹⁷. O acesso não era livre, devido à existência de duas grades complementares em madeira: uma apoiada no pavimento, a outra fixada na parte superior da capela-mor.

¹⁵ IAN/TT, OS/CP, cód. 149, fl. 5.

¹⁶ Utilizamos o termo antigo, como o de capela-mor ou ainda ábside. Parece-nos que, lendo as visitasões não podemos esconder, que há uma espécie de cumplicidade mnemónica para efeitos deste estudo, tanto mais que o termo “ousia” ainda aparece em vários trabalhos da actualidade.

¹⁷ IAN/TT, OS/CP, cód. 149, fl. 4 v. Não refere a tipologia dos mesmos: se historiados, se de motivos fitomórficos, se de natureza zoomórfica ou de elementos geométricos.

A ousia tinha de comprimento 7,5 varas (8,25 metros) e de largura 5 varas e 2 terças (6,24 metros), perfazendo uma área interna de aproximadamente 52 m².

2. O corpo da igreja

A visitação chama corpo da igreja ao espaço que naturalmente se confunde com a sua única nave toda construída em pedra e cal e abobadada muito bem trabalhada e “os pegões e arcos que fecham em cima sam todas de pedraria e as junturas de todallas pedras delles sam douradas e os arcos sam todos pintados de pintura de jaspe”¹⁸. O jaspe era algo que fazia parte do quotidiano de muitas comunidades inscritas nos perímetros das comendas¹⁹.

Estamos já muito longe da mentalidade de São Bernardo quanto à estrutura decorativa dos templos religiosos: “nos vero qui iam de populo eximus, qui mundi quæque pretiosa ac speciosa pro Christo reliquimus, qui omnia pulchre lucentia, canore mulcentia, suave olentia, dulce sapientia, tactu placentia, cuncta denique oblectamenta corporea”²⁰.

É um corpo rectangular muito pequeno (7,5 varas X 5 varas e 2 terças), resultando uma área destinada aos fiéis de cerca de 56 m². Tendo em vista a população residente (1125 moradores), a igreja paroquial parece ser simplesmente um símbolo da Religião ou um marco físico do Cristianismo, mais do que propriamente o lugar de culto, o espaço sagrado onde os fiéis se preparavam em vida para o Juízo Final.

Refere ainda a visitação que entre a porta principal “esta huum allpendre alto e ladrilhado com cimquo arcos d’alvenaria e seus peitoris e degraos o qual he olivelado e bem cuberto de telha”²¹. É uma zona rectangular de 3 varas e uma quarta por 5 varas e 2 terças (22,30 m²).

3. O campanário

Situa-se ao lado direito da porta principal que é de grandes dimensões, construído em pedra e cal. É formado por dois sinos de médias dimensões mas “de boa gramdura”²².

¹⁸ IAN/TT, OS/CP, cód. 149, fl. 4 v.

¹⁹ A este propósito veja-se LEÃO, Duarte Nunes de – *Descrição do Reino de Portugal*. Lisboa, 1610, fls. 45-45 v.

²⁰ BERNARDO, S. – *Obras Completas*. Ed. preparada pela Conferencia Regional Española de Abades Cistercienses. Madrid, La Editorial Católica, Vol.I, edição bilingue latim-espanhol, 1983, pp. 289-290.

²¹ IAN/TT, OS/CP, cód. 149, fl. 5.

²² IAN/TT, OS/CP, cód. 149, fl. 5.

4. O adro da igreja

Não parece conceber-se uma igreja paroquial sem o seu adro – zona envolvente, lugar de sepultura para muitos paroquianos. Por isso, o adro é parte integrante da construção. É uma área muito irregular e, mais fácil do que tentar elucubrar sobre o seu possível aspecto geográfico, é ler a descrição exarada no caderno visitacional: “do camto do campanairo atee ao marco que estaa ao camto das casas de Joham Rodriguiz Rocinato da parte do norte tem quinze varas e cimquo seismas e da outras parte da rua ao mesmo norte com capella de Samto Esprito de quina do dicto campanairo ao marco que estaa da parte do ponente tem seis varas e da quina da igreja ao sull a outro marco tem dezassete varas e meia. E de huum botareo da dita igreja ao marco da parte do sull tem XV varas e d’outro botareo da outra bamda da igreja da parte do levante ao marco tem XXII varas. E todo em roda de marco a marco tem cento e sesemta varas”²³. Quer dizer, o adro da igreja teria cerca de 176 metros de perímetro. Os marcos foram mandos colocar pelo Mestre, para delimitar o espaço envolvente da igreja. Os outros pontos de apoio são estruturais, não deixando quaisquer dúvidas aos vindouros.

As diversas dependências são cobertas com telha vã, apoiadas numa cinta regularizada para servir de apoio ao beiral.

A igreja, em todo o seu perímetro superior, era ameado e entre as respectivas ameias estavam distribuídos os seus “cubelletes” também ameados e caiados: estamos perante uma reminiscência de elementos medievais ou em fase de transição para a arte manuelina onde o exterior, de feição medievo, é apenas simbólico realçando-se agora o seu aspecto decorativo? A comenda tinha um castelo. Para um agregado populacional tão pequeno seria necessário uma segunda estrutura amuralhada ou trata-se simbolicamente da marca da Ordem onde o religioso se encontra intrinsecamente associado ao aspecto militar?

Nas determinações gerais, D. Jorge ordena que fossem criadas nesta comenda uma mampostaria – isto é, o ofício de memposteiro, a cargo de uma pessoa idónea, que teria a seu cargo a recepção das esmolas destinadas à fábrica da igreja – conservação, restauro e ornatos de culto²⁴. O memposteiro que tinha já sido escolhido (não sabemos se antes ou durante a visita) estava autorizado a pedir esmola aos domingos e nos dias festivos, prestando mensalmente contas ao prior, na presença do escrivão do concelho, que anotava o montante arrecadado como receita.

²³ IAN/TT, OS/CP, cód. 149, fl. 5 v.

²⁴ CAVACO, Hugo – “Visitações” da Ordem de Santiago no Sotavento Algarvio. (Subsídios para o Estudo da Arte no Algarve). Vila Real de Santo António, 1987, p. 416.

B. O hospital

O apoio à assistência e à pobreza é uma actividade medieval que a Ordem sempre procurou apoiar através do então chamado Hospital do Santo Espírito, um pequeno recinto com algumas camas destinadas aos doentes, aos peregrinos e a todos aqueles que necessitassem de apoio, por exemplo alimentação e água²⁵.

Este hospital foi fundado por João Abril e por sua mulher Catarina Anes, com o objectivo explicitamente exarado “*para agasalharem os pobres*”²⁶, dotando-o de vários bens patrimoniais, com as rendas dos quais, seria possível, ao mordomo sustentar a instituição caritativa. Nesta época não sabemos quantas camas possuía, mas não deviam ser muitas. O hospital de Palmela, sede da Ordem, em 1510, tinha capacidade para cinco camas²⁷.

Não obstante, os hospitais no século XVI nem sempre desempenharam as suas funções, assim parece ter acontecido na comenda de Setúbal à entrada da segunda metade da centúria²⁸.

O hospital tem um oratório medindo de comprimento 6,5 varas e de largura 2 varas criando um espaço rectangular de 16 m². Encontra-se adossado ao adro da igreja e tem serventia pela rua pública.

O testamento de João Abril e sua mulher data de 15 de Novembro de 1460 (anterior à construção da igreja) deixando alguns bens com a obrigação de ser dita uma missa rezada anualmente pela segunda-feira do Santo Espírito e que “*sayão sobre a sua sepultura com responso*”²⁹.

Todavia, observando cuidadosamente o rol dos bens afectos ao hospital, num total de oito propriedades, apenas uma vinha emprazada a Estêvão Dias, pelo foro de 130 reais foi deixada pelo casal instituidor. As restantes parcelas foram incorporadas por outros beneméritos. Os rendimentos anuais provenientes da exploração de vinhas, herdades e terras rondavam os 360 reais e 90 alqueires de trigo³⁰.

C. As ermidas

As ermidas tinham oragos próprios e, muitas delas, ficavam no termo e tinham como função prestar apoio religioso aos fregueses que viviam em zonas

²⁵ GONÇALVES, Iria – *Formas Medievais de Assistência Num Meio Rural*, in *Imagens do Mundo Medieval*. Lisboa, Livros Horizonte, 1988, p. 60.

²⁶ IAN/TT, *OS/CP*, cód. 149, fl. 9 v.

²⁷ RAMOS, Maria Regina Soares Bronze – *As Igrejas de Palmela nas Visitações do Século XVI. Rituais e Manifestações de Culto*. Porto, Faculdade de Letras (polic.), 2004, p. 103.

²⁸ ABREU, Laurinda Faria dos Santos – *A Santa Casa da Misericórdia de Setúbal de 1500 a 1755: Aspectos de Sociabilidade e Poder*. I. Setúbal, Santa Casa da Misericórdia de Setúbal, 1990, p. 28.

²⁹ IAN/TT, *OS/CP*, cód. 149, fl. 10.

³⁰ IAN/TT, *OS/CP*, cód. 149, fl. 11.

periféricas à igreja matriz³¹. Não raras vezes, a ermida aparece como sinónimo de confraria, dadas as actividades e organização de cada uma destas instituições³².

1. A ermida de São Sebastião

Esta ermida foi mandada edificar pelo concelho, sendo, por isso, responsável pela sua conservação e restauro, quando julgado necessário.

A capela-mor é construída de paredes de taipa forradas a cal quer pela parte exterior quer pelo lado interno. Metade está olivelada, isto é, rebocada e regularizada, a outra porém, foi pintada directamente sobre a taipa. A sua cobertura é feita com telha vã. As dimensões correspondem ao comprimento de 4 varas e uma sesma (4,58 m) e à largura de 3 varas e uma sesma (3,65 m) o que perfaz um espaço interno de cerca de 17 m².

O corpo da ermida tem de comprimento 7 varas e 2 terças (8,44 metros) e de largura 3 varas e uma terça (3,67 metros), correspondendo à área de aproximadamente 31 m². As paredes são de taipa forradas de cal. Suportam o telhado três arcos de alvenaria sobre os quais assenta a estrutura de madeira para receber a telha vã.

2. A ermida de São Vicente

A ousia é construída em taipa forrada a cal e coberta em telha vã. No seu interior tem um único altar em alvenaria forrado a cal. A sua área de 17 m² resulta de um comprimento de 4 varas e uma sesma e da largura de 4 varas.

O corpo é em tudo semelhante à descrição feita para a ermida anterior, tendo de comprimento 5 varas e 2 terças e de larguras 4 varas e uma sesma, gerando, conseqüentemente um espaço de cerca de 28,60 m².

Esta ermida foi encontrada em ruínas, cabendo ao comendador João de Sousa a nobre tarefa de proceder o seu restauro integral, arcando com todas as despesas. Por esta razão, compete a ele e aos comendadores futuros a responsabilidade da sua manutenção.

3. A ermida de São Sebastião (lugar da Figueira)

A ermida de S. Sebastião resultou do fervor religioso do povo que resolveu mandar fazer este templo religioso. D. Jorge e os seus companheiros observam que esta ainda não estava terminada. A visitação informa que a ermida “*nom*

³¹ ALVES, Cristina Paula Vinagre – *A Propriedade da Ordem de Santiago em Palmela. As Visitações de 1510 e de 1534*. Porto, Faculdade de Letras (polic.), 2004, p. 25.

³² MATA, Joel Silva Ferreira – *As Confrarias como espaço de Sociabilidade. O Exemplo das Confrarias da Ordem de Santiago na Passagem da Baixa Idade Média para o Século XVI*, in *II Congresso Internacional de Investigação e Desenvolvimento Sócio-Cultural*, p. 15, disponível em: <http://home.page.ppinet.pt/428xd> – agir@oninet.pt.

*he imda madeirada e tem a madeira e tavoado pera olivelar a capella*³³. Tem a capela-mor de comprimento 3 varas e de largura 2,5 varas dando uma área de 17,30 m². o corpo, por sua vez, tem de comprimento 7 varas e uma terça e de largura 4 varas e uma quarta, ficando os fregueses de Figueira com um templo com cerca de 38 m².

Como materiais de construção é a taipa com “*seus formigaes e os cunhaaes de tijollo*”³⁴.

A ermida é envolvida por um adro que “*tem da porta do norte das paredes da ermida oito varas e da parte do sull tem da dita parede da ermida oito varas e da parte da ousia ao levante tem oito varas e da porta principall ao ponente treze varas e tem o dito adro em roda cento e quatro varas*”³⁵, correspondendo a um perímetro de cerca de 114,4 metros.

A conservação desta ermida é da responsabilidade do povo da freguesia de Figueira.

D. O castelo

O castelo de Ferreira, em 1510, está bem conservado, envolvido por uma cintura de muralhas, com nove torres, (sem cubelos como por exemplo o castelo de Palmela³⁶), duas das quais abobadadas, decoradas com coruchéus e pela barbacã. As portas situam-se do lado norte³⁷. Estão em bom estado de conservação, com seus ferrolhos e fechaduras.

No interior do muro fortificado há um grande terreno e, à sua esquerda, uma casa grande, térrea, cujas paredes são de taipa. O pavimento é ladrilhado de tijolo. O telhado é em telha vã. Esta casa serve actualmente de celeiro.

Desta dependência há uma porta que faz a ligação a outras duas casas térreas construídas dos mesmos materiais. Uma delas está adossada ao muro defensivo do lado norte do castelo³⁸.

A casa que serve de celeiro dá para um quintal, no qual existe um alpendre firmado sobre esteios de tijolo e coberto com telha vã. O quintal tem árvores e um tanque. O castelo é servido interiormente por um poço e uma estrebaria³⁹.

³³ IAN/TT, OS/CP, cód. 149, fl. 13.

³⁴ IAN/TT, OS/CP, cód. 149, fl. 13.

³⁵ IAN/TT, OS/CP, cód. 149, fl. 13.

³⁶ FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira – *O Castelo de Palmela. Do Islâmico ao Cristão*. Lisboa, edições Colibri/Câmara Municipal de Palmela, 2004, p. 247, fig. 307.

³⁷ A localização das entradas depende de vários circunstancialismos, como por exemplo, os de ordem topográfica. Cf. BARROCA, Mário José; MORAIS, António J. Cardoso – *A Terra e o Castelo. Uma Experiência Arqueológica em Aguiar da Pena*, in “Revista Portvgália”, nova série – vol.VI/VII, 1985-1986, p. 61.

³⁸ IAN/TT, OS/CP, cód. 149, fl. 24.

³⁹ IAN/TT, OS/CP, cód. 149, fl. 24.

O texto é confuso quanto ao número das casas existentes internamente. Parece poder deduzir-se que existe uma casa térrea constituída por duas divisões: uma sala grande e uma câmara, outra com dois sótãos; duas casas térreas e ainda mais sete casas também térreas, três das quais funcionam com estrebarias e palheiros, destinando-se duas aos aposentos e uma servindo de cozinha⁴⁰.

Decorridos cerca de 24 anos⁴¹, precisamente a 10 de Janeiro de 1534⁴², por força da reunião capitular da Ordem celebrada no convento de Palmela, a 13 de Outubro de 1532, foi realizada nova visitação à comenda de Ferreira, pelos inquiridores eleitos para o efeito – Álvaro Mendes, cavaleiro da Ordem e Afonso, prior da igreja de S. Pedro, da vila de Palmela.

O que se manteve e o que se alterou? Na óptica dos visitantes era mais importante o estado de conservação em que se encontravam os edifícios.

A igreja paroquial que em 1510 era o símbolo e a marca de um comendador plenamente consciente das suas obrigações, agora, já nas mãos de D. João de Lencastre, primogénito de D. Jorge, marquês de Torres Novas, não vivendo na comenda, naturalmente que não sabia o que naquela região tão distante de Palmela ou de Lisboa se passava. Sabia, certamente, em pormenor, quanto rendia a comenda mas ignorava que ser comendador tinha vantagens e prestígio mas também acarretava algumas obrigações herdadas do seu antecessor.

A paroquial de traça quinhentista, construída por João de Sousa, pela imposição consuetudinária, faz com que, o seu estado de conservação, fosse uma obrigação que passava para os futuros comendadores.

A igreja estava, de um modo geral, bem conservada, mas o ponto fraco das construções de antanho encontrava-se no telhado. Facilmente, as telhas eram deslocadas devido às intempéries, permitindo a infiltração das águas pluviais que, paulatinamente, iam apodrecendo os elementos decorativos em madeira assim como destruindo as pinturas. Assim, os inquiridores determinam que devido à chuva que entrava na ousia como aliás, em outras partes, o memposteiro mandasse “telhar a dita igreja muito bem toda ensopada em call⁴³ e asy a samcrispia e a

⁴⁰ IAN/TT, OS/CP, cód. 149, fl. 24 v.

⁴¹ Pelo meio ficou a visitação ocorrida a 1 de Janeiro de 1525 que aqui não referimos: ANTUNES, Luís Paquito – *Visitações da Ordem de Santiago a Aljezur e a Odeceixe na Primeira Metade do Século XVI*, in “Espaço Cultural”, Ano IV, nº 4, Edição da Câmara Municipal de Aljezur, 1989, p. 71.

⁴² IAN/TT, OS/CP, cód. 149, fl. 56.

⁴³ Significa “cintar de cal”, “cingir de cal para conferir consistência” – BARROS, Maria de Fátima Rombouts de; BOIÇA, Joaquim Ferreira; GABRIEL, Celeste – *As Comendas de Mértola e Alcaria Ruiva. As Visitações e os Tombos da Ordem de Santiago 1482-1607*. Mértola, Edições do Campo Arqueológico de Mértola, 1995, p. 495.

*capella da pia de bautizar*⁴⁴, no prazo de seis meses. É claro que pela data da visita certamente que foi deixado decorrer mais um inverno para, na Primavera se proceder ao restauro integral do telhado.

Para substituir o forro do telhado foram estimadas, inicialmente, quatro dúzias de tabuado, quantidade que aparece riscada e substituída por seis dúzias. Terá sido erro do tabelião ou foi feita uma reapreciação mais atenta ao estado de degradação do interior da paroquial?

A madeira utilizada é de castanho. O não cumprimento desta determinação penalizava o infractor em 10 cruzados, cinco dos quais seriam integrados na receita da fábrica da igreja e a parte restante destinar-se-ia para a remissão dos cativos⁴⁵. O peso das penalidades é uma constante, mas mesmo assim, havia quem não cumprisse as determinações das visitas⁴⁶.

O campanário equipado em 1510 com dois sinos de médio alcance e novos, encontram-se agora muito mal tratados. Esta estrutura era muito frequentada pelos rapazes que, subindo pela escada de acesso aos sinos, danificavam o telhado da igreja. Este lugar de “lazer” de pequenos e dos moços da vila não agradou aos visitantes. Por isso, o meposteiro foi encarregado de mandar fazer uma porta que impedisse o livre trânsito à escadaria. As indicações são muito precisas: “*far se a huum botarco n’alltura que for necesario que se ha de começar fazer do pee da parede d’escada sobre o quall botarco se ha d’armar ho portall fechado*”⁴⁷.

A porta seria feita em madeira de carvalho de boa qualidade, equipada com um ferrolho e uma fechadura. Além disso, era também necessário fixar uma goteira para escoar a água que aí se empossava.

Junto do campanário, devido à pluviosidade, detectou-se uma cova na parede. Os visitantes mandaram entulhar a depressão com argamassa, para poder resistir à queda da água, evitando o desabamento da parede. Era urgente realizar esta tarefa. Para a prossecução das obras foi dado somente o prazo de três meses. Qualquer atraso era passível de uma penalização de 2 mil reais, distribuídos em duas partes iguais: 50% destinar-se-iam às esmolas da igreja e a outra parte seria encaminhada para o resgate de cativos.

O campanário promovia ainda outro tipo de preocupações. Com o uso e o tempo, os fixadores dos sinos estavam em mau estado de conservação – as porcas e as cintas estavam danificadas. Esta situação podia dar origem a acidentes já que a queda dos sinos parecia estar eminente.

⁴⁴ IAN/TT, OS/CP, cód. 149, fl. 73 v.

⁴⁵ IAN/TT, OS/CP, cód. 149, fl. 73.

⁴⁶ PIMENTA, Maria Cristina Gomes – *As Ordens de Avis e de Santiago na Baixa Idade Média: Breves Notas Sobre a Dimensão Religiosa das Milícias*, in *III Congresso Histórico de Guimarães. D. Manuel e a Sua Época*, Vol. II, 2004, pp. 564-565.

⁴⁷ IAN/TT, OS/CP, cód. 149, fl. 74 v.

Os inquiridores procuraram saber a quem pertencia a responsabilidade pela manutenção dos sinos. A memória dos homens antigos funcionou como mnemónica, e, sob juramento, confessaram que a manutenção das porcas e das cintas dizia respeito ao concelho e, portanto, ao povo.

O sino tinha objectivos muito particulares no contexto da liturgia cristã: “[...] a função dos sinos nas igrejas não é a de substituir o órgão e os cantores nem de dar concertos, é sim de ser a voz de Deus para convocar os fiéis para as cerimónias sagradas, e para dar avisos ou sinais de alegria ou tristeza, ou, em uma palavra, para convidar os fiéis a elevarem suas almas e seus corações ao Senhor”⁴⁸. Como podiam estar desactivados ou em condições de não poderem cumprir a sua tão nobre missão?

No hiato de tempo decorrido entre 1510 e 1534 foi construída no interior da matriz a capela da Ressurreição de Nosso Senhor, na parte esquerda, junto à ábside. A sua edificação partiu do já defunto Álvaro Fernandes. É uma construção em pedra e cal e abobadada. O arco de acesso assenta em colunas de mármore, de fuste e capitéis simples. Tem de comprimento 1 vara e 3 quartas e de largura 2 terças, ocupando no interior da igreja a área correspondente a 1,40 m²⁴⁹.

Esta capela era mantida por vários bens patrimoniais deixados em testamento:

- A terça do testador de um ferragial com uma oliveira e outras árvores enxertadas;
- Um ferragial na Barroca, Ribeira de São Sebastião;
- Várias casas que havia comprado a Diogo Gomes.

Como obrigação Álvaro Fernandes pede, apenas, que lhe seja rezada uma missa à sexta-feira, por sua alma⁵⁰.

O hospital do Santo Espírito encontrava-se em obras. O mordomo e os confrades resolveram entregar de empreitada a construção da igreja. O total dos custos orçados importavam em 98 mil reais, tendo sido já entregues 4 mil reais⁵¹. Não temos um caderno de encargos, mas a obra está em andamento, e, pela descrição do que já podia ser visto na ousia, estamos perante uma obra deveras sumptuosa, dadas as características geográficas, sociais e rurais da vila de Ferreira. As paredes da capela-mor estavam em fase avançada da sua construção, utilizando-se a pedra e a cal. Os inquiridores foram informados que

⁴⁸ NABUCO, Joaquim, Monsenhor – *Os Bronzes das Nossas Torres*. Petrópolis, Editora Vozes, 1964, p. 47.

⁴⁹ IAN/TT, OS/CP, cód. 149, fl. 66.

⁵⁰ IAN/TT, OS/CP, cód. 149, fl. 66 v.

a ousia seria fechada superiormente por uma abóbada de alvenaria. O arco em pedra da capela-mor teria uma moldura. A porta de acesso à igreja aberta na fachada principal seria arqueada, em pedra, constituída segundo assim podemos interpretar por columnelos adossados ou uma coluna de cada lado decorada “*com seus florens de pedraria*”⁵².

A capela-mor tem de comprimento 5 varas e de largura 3 varas e uma terça, dando origem a um espaço de 20 m²; o corpo da igreja tem, por sua vez, 8 varas e 2 terças de comprimento e 5 varas de largura fechando um recinto com cerca de 48 m².

O número de doadores praticamente duplicou em relação a 1510. Incorporam os bens do hospital – que tem capacidade para sete camas, (enquanto que o hospital de Palmela possuía apenas três, dado que mais não eram necessárias⁵³) o dobro daqueles que encontrámos no rol do início de *Quinhentos*. As receitas provenientes da exploração enfiteutica das terras, dos olivais ou das herdades são constituídas por quotas em dinheiro ou em cereal. Os doadores deixam os seus bens sempre com o encargo de, pelo menos, durante algum tempo, serem lembrados, através de missas.

O mordomo Martim Luís mostrou o *Livro da Receita e da Despesa* do hospital e, liquidadas as despesas contraídas até à data, o saldo positivo cifrava-se em 66 633 reais e em trigo 10 moios e 12 alqueires destinados à venda a partir do mês de Março do corrente ano (1534)⁵⁴.

E o que dizer da ermida de São Sebastião, na freguesia da Figueira? Ou porque sabiam que a visita iria acontecer ou porque estava na hora, o facto é que também este pequeno templo estava em obras, cuja empreitada foi adjudicada por 10 mil reais, tendo sido já entregues 4 mil reais⁵⁵.

Esta ermida foi edificada pelo povo, mas estava muito danificada. A capela-mor foi feita de novo, com paredes de pedra e cal e abobada. A ousia, quer pelo exterior como pelo interior – porque fazia parte do orçamento da empreitada seria pintada.

Esta ermida sofria do velho problema provocado pelas águas pluviais. O telhado encontrava-se danificado. Competia ao povo arcar com as despesas atinentes a este trabalho: retelhar e cintar o telhado de tal forma que não continuasse a chover no seu interior. O estado da ermida inspirava cuidados. Por isso, os visitantes deram um prazo de apenas quatro meses para se proceder ao

⁵¹ IAN/TT, OS/CP, cód. 149, fl. 67.

⁵² IAN/TT, OS/CP, cód. 149, fl. 67.

⁵³ RAMOS, Maria Regina Soares Bronze – *ob. cit.*, p. 103.

⁵⁴ IAN/TT, OS/CP, cód. 149, fl. 69.

⁵⁵ IAN/TT, OS/CP, cód. 149, fl. 71.

restauro e reparações necessárias sob a ameaça de uma pena de cinco cruzados, revertendo metade para o resgate dos cativos e a outra parte seria entregue ao mamposteiro da igreja matriz.

Por sua vez, a ermida de São Vicente, localizada no termo da vila estava com o mesmo problema: o telhado em parte não existia, devido ao forte vento que seria normal naquela zona. Desta forma, são feitas algumas recomendações em tudo idênticas àquelas que foram já pronunciadas para a ermida de S. Sebastião, excepto no respeito à imputabilidade da empreitada: na ermida anterior cabia ao povo desembolsar a importância necessária e proceder à entrega da empreitada. Nesta, é o recebedor das esmolas da igreja matriz, dado que a ermida foi mandada construir pelo comendador João de Sousa⁵⁶.

A destruição a que assistimos, apesar de não estar exarada documentalmente, pode estar associada ao terramoto de 1531⁵⁷.

Quanto ao castelo, os inquiridores acharam que decorridos estes anos, os muros, as torres e os cubelos estavam bem conservados. O actual comendador substituiu parte da barbacã que era inicialmente em pedra e barro, mas o marquês mandou substituir essa parte usando como materiais construtivos a pedra e a cal, o que foi considerado positivo.

As casas intra-muros carecem de várias intervenções. A casa constituída por uma grande sala deve ser madeirada de novo e as câmaras sobradas (às quais não se faz menção em 1510) são forradas de cortiça. D. João de Lencastre, o actual comendador, tornou mais confortáveis os aposentos do castelo.

Além disso, mandou fazer uma nova estrebaria com manjedouras. As outras casas que não se diz quais, estão destelhadas e a madeira interior completamente deteriorada.

O quintal tem um terreiro (o antigo alpendre?) com uma varanda em madeira e reparada de novo. Foi também ladrilhada. No quintal foi levantada no sentido longitudinal uma parede já existente (?) uma “*rede de tijolo feita de novo*”⁵⁸. Pelo exposto, parece que não estamos perante um castelo que se insira na “tipologia do castelo ibérico”⁵⁹.

As visitas são, como já várias tentámos demonstrar, o meio mais eficaz contra o abandono do património dos espatários, seja do foro religioso (móvel), seja fundiário ou construtivo de índole religiosa, civil ou militar. Por isso,

⁵⁶ IAN/TT, OS/CP, cód. 149, fl. 72 v.

⁵⁷ RAMOS, Maria Regina Soares Bronze – *Ob. cit.*, p. 63.

⁵⁸ IAN/TT, OS/CP, cód. 149, fl. 81.

⁵⁹ MONTEIRO, Gouveia – *A Arte Militar em Portugal nos Finais da Idade Média – Estrutura de uma Investigação*, Separatas das Actas do II Colóquio Panorama e Perspectivas Actuais da História Militar em Portugal, 1991, p. 3.

apesar de não serem feitas com a regularidade exigida, e, em muitos casos, os comendadores estarem sempre ausentes dos territórios dos quais são beneficiários, a Ordem como grupo de pressão (nomeadamente junto dos concelhos e dos seus comendadores) manteve o seu prestígio nas comendas que lhe foram doadas há muito tempo.

